



DISCURSO

& SOCIEDAD

Copyright © 2018
ISSN 1887-4606
Vol. 12(3) 480-493
www.dissoc.org

Artigo

“Acabar com a Cracolândia”: um
enunciado dividido entre dilemas sociais e
indivíduos perigosos

“Getting rid of Cracolândia”: a divided sentence
amid social dilemmas and dangerous individuals

Filipo Pires Figueira

Programa de Pós-Graduação em Linguística
Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

Resumo

Este texto se propõe a analisar a sequência discursiva de referência “Acabar com a Cracolândia”, promessa do então prefeito de São Paulo, João Doria Jr., que circulou na época de sua intervenção policial na região da Luz. O objetivo desse trabalho é discutir os diferentes efeitos da sdr por ter sido empregada por formações discursivas antagônicas na polêmica que seguiu a operação policial. Analisou-se a sdr a partir da teoria da semântica global de Maingueneau. Como resultado, constatou-se que, apesar de sua aparência estável, a sdr foi um enunciado dividido e disputado pelas FDs.

Palavras-chave: discurso; polêmica; cracolândia.

Abstract

This paper intends to analyze the following discursive sequence of reference: “acabar com a Cracolândia”. It was a promise of the São Paulo’s former mail, João Doria Jr., which circulated at the time of its police intervention at the region of Luz. This paper aims to discuss the different effects of the employment of the sdr by antagonistic discursive formations in the polemic that followed the police operation. The analyzes was based in the global semantics’ theory, of D. Maingueneau. As a result, it was found that, despite its apparent stability, the sdr was a divide statement, disputed by the FDs in its very terms.

Keywords: discourse; polemic; cracolândia

Introdução

A cidade de São Paulo é palco de longevos dilemas sociais e a maneira de cada gestão lidar com os problemas da cidade é sempre propícia à polêmica (não apenas em São Paulo), pois depende das posições ideológicas (muito além das partidárias) dos que ocupam suas cadeiras. Com breve a gestão de João Doria Jr (PSDB) não foi diferente. Depois de prometer, em fevereiro de 2017, “acabar com a Cracolândia”, o prefeito tucano comandou em 21 de maio do mesmo ano uma ação da polícia militar de “desocupação” na região da Luz, no centro de São Paulo. Na noite do dia 21, decretou: “a Cracolândia acabou”.

Doria não foi o primeiro – mesmo que talvez acreditasse ser o último – a promover essa sorte de ação na região. Gilberto Kassab e Fernando Haddad, que ocuparam a cadeira depois do surgimento do “fluxo” da Cracolândia, fomentaram ações parecidas. Fato, no entanto, que não impediu que a operação de maio se tornasse um acontecimento discursivo, pululando enunciados sobre ela nos mais diversos campos. Como antes, muitos enunciados por vezes assumiram um caráter *polêmico*, disputando os sentidos sobre o local, sobre a operação policial e sobre seus desdobramentos: enquanto um discurso criticou duramente as ações, o outro, em tom descontente, lamentou a insuficiência da intervenção.

Apesar da extrema polarização, ambos os discursos em relação polêmica repercutiram positivamente a promessa de Doria, aderindo a ela em maior ou menor grau. Isto é, não se negou, apesar da oposição ou do descontentamento, a necessidade de *acabar com a Cracolândia*. Essa relação “inequívoca” com a proposição dota-o o de uma aparência estabilizada: da ordem da necessidade, “acabar com a Cracolândia” torna-se um enunciado logicamente “normalizado”, isto é, de sentido óbvio. No entanto, pelos desdobramentos e paráfrases discursivas produzidas pelas duas formações discursivas (FD, doravante) em relação polêmica, é possível perceber que essa estabilidade não resiste à sua discursivização.

De maneira inusitada e nada regular, essa proposição foi retomada, ressignificada, “transcrita e reinscrita” por cada uma das FDs em relação polêmica – nomeei-as, em virtude da análise, de *FD Denunciante* (FDD) e de *FD Punitiva* (FDP): na relação entre *acabar / Cracolândia*, há uma tensão *não evidente* a ser resolvida, e o interesse que a proposição suscita é justamente em virtude de aparentar ter um sentido estabilizado, mas se constituir, ao contrário, como uma divisão polêmica tanto sobre a “Cracolândia” quanto sobre como “acabar” com ela, perceptível somente através desses desdobramentos e cadeias parafrásticas que cada uma das FDs permite para si. É possível reconstituir, por exemplo, dentre o corpus¹ analisado, os seguintes desdobramentos:

Aporte teórico

Esta pesquisa encontra abrigo na Análise do Discurso de filiação francófona; mais especificamente, no conceito de *interincompreensão* de Dominique Maingueneau (2008), em especial sobre a polêmica discursiva. Segundo o autor, as FDs são regradas por um *sistema de restrições semânticas*, ao que chamou semântica global: ao delimitar-se em disputa com outras, cada FD constitui-se a partir de um “núcleo especializado”, composto por traços semânticos próprios (seus semas) que orientam a produção de enunciado.

Decorre dessa proposição teórica que as FDs em polêmica sofrem de uma *interincompreensão* incontornável: não é possível para uma “FD A” compreender o discurso da “FD B” como ela o produz (i.e., como /B²/), uma vez que seu sistema de restrições é outro (/A/, por exemplo), permitindo-a apenas que compreenda seu opositor como sua *negação* (/não-A/). A possibilidade de uma FD em imitar outra, portanto, é interdita por princípio, e a sua tentativa, fadada ao fracasso, constitui-se na produção de um *simulacro* – acima, o caso /não-A/. É a partir dessas considerações que abordarei a *sdr* em questão.

Encontro em N. Bobbio (2011), e na releitura discursiva realizada em A. Motta & S. Possenti (2008), elementos para reconstituir a semântica global de cada FD em polêmica. Visto que este texto aborda um problema do campo político, partirei da macrodivisão histórica entre direita (FDP) e esquerda (FDD). Para o sociólogo italiano, o melhor critério para descrever a díade ideológica é a relação que cada lado estabelece com o *ideal de igualdade*: a esquerda, igualitária, se relaciona com a desigualdade considerando-a como um produto social (/Social/), portanto, que *pode e deve* ser sanada; a direita, inigualitária, ao contrário, estabelece que a desigualdade é *a priori* natural (/Natural/), logo, imutável (Bobbio, 2011). Na esteira de A. R. Motta e S. Possenti (2008, p. 304-305), afino a descrição do espaço discursivo polêmico entre FDs de “esquerda” (FDD) e “direita” (FDP). A partir destes autores, é possível sugerir que outros semas fundamentais da esquerda são /igualdade/ e /justiça/, e, secundários, /papel da sociedade/, /estatismo/ (o Estado como corretor de desigualdades), e /papel minimizado do Mercado/. Para a direita, por sua vez, são /diferença/ e /ordem/ os fundamentais, e, secundários, /papel da natureza/, /estado mínimo/ (a não ser, em decorrência de /ordem/, quando para o uso de *força repressiva* – logo, /repressão/), e /livre Mercado/. Com base nesses semas, passo à análise da *sdr*.

Representações da Cracolândia

Nomes, sejam eles próprios ou comuns, são um campo propício à disputa de sentidos. Cracolândia não é um nome oficial, não designa um bairro, rua, setor ou outra segmentação administrativa da cidade de São Paulo (funcionamentos normatizados da língua), mas sim a *ocupação* por um *aglomerado de pessoas*, que porventura *consomem uma droga específica*, em um *conjunto de vias públicas*: em vista disso, o discurso sobre esses elementos – a legitimidade de ocupar ruas ou de se aglomerar nelas; de consumir drogas; de viver na rua – interfere muito mais livremente na compreensão de cada FD do que significa Cracolândia e interferirá bruscamente na constituição das paráfrases da *sdr*. É possível pensar que o próprio termo “Cracolândia” é dividido, representando coisas completamente distintas às FDs em polêmica.

Como já dito, a FD Punitiva organiza-se em torno do sema /natural/ ao falar da Cracolândia. Os usuários seriam sujeitos de alguma maneira falhos (“essas *criaturas são frágeis*, andam como *almas penadas* pelas ruas”, são “*coitados* que *caíram nisso* por *falta de orientação* na vida”), isto é, que estão na situação que se encontram por sua fragilidade e sua essência doente. Acima de tudo, são incapazes de se recuperarem sozinhos (“*ninguém pode ser recuperado* na rua [...] O problema é que *nem eles sabem* o que fazer”). O uso recorrente de “viciados” – termo que não aparece na FDD – no lugar de “dependentes” é sintomático da caracterização moral que a FDP constrói desses sujeitos, com base em sua natureza. Os “viciados”, compreendidos como *doentes* e *loucos*, se aproximam dos “indivíduos perigosos” do séc. XIX, descritos por Foucault (2001): sujeitos de uma natureza irracional que representam perigo para o bom funcionamento da sociedade (isto é, ordenado e seguro). Assim, evocando-se o sema /ordem/, a FDP os vê como criminosos (“a *suspeita* [...] é a de que *os viciados cortaram a fiação para venda*” / “Eles *assaltam a população*”) e inescrupulosos, que não poupam nada nem ninguém (“*Até* a Primeira Igreja Batista de São Paulo [...] *não foi poupada*”).

Sua periculosidade é retratada também pelo viés do /livre mercado/. Eles apresentam um perigo para o comércio, visto que não têm serventia social (“gente *sem qualificação*”) e são sinônimo de criminalidade (“Os comerciantes da rua Guaianases se dizem *prejudicados com a presença dos usuários*”, “*são obrigados a fechar os estabelecimentos mais cedo*”). A mera existência desses indivíduos é vista como *inadmissível* e uma afronta à ordem: a Cracolândia é vista como um “*feirão* da droga” e como “*a falência* de um *modelo de sociedade*”. Assim, justifica-se a ação policial (/repressão/), pois “*chocam menos que* as cenas vividas dentro da Cracolândia” (/ordem/). Esse retrato da Cracolândia está condensado na carta que um morador enviou ao exército quando usuários se instalaram na

Praça Santa Isabel, próxima à Luz, após a ação policial. Com a mesma importância que "ratos" e "baratas", os dependentes químicos são *intrusos* no espaço social: "A praça [...] está totalmente abandonada, lotada de **baratas, ratos, e agora muitos desocupados**". Assim, a FDP clama à polícia (/repressão/) para que limpe, restaure (/ordem/) e *puna* essa "falha do modelo de sociedade" (/natural/).

Em contrapartida, para a FDD a Cracolândia é extremamente atravessada pelo sema /social/, que inclusive media a produções a partir de outros semas. Ela é vista, antes de tudo, como uma situação *gestada na sociedade*, efeito perceptível, por exemplo, no pré-construído em "a população [da Cracolândia] **que é fruto de uma histórica desassistência**", uma vez que "desassistência" (estatal) e "população da Cracolândia" passam a significar como equivalentes. São muitos os enunciados, orientados por /social/, que a relacionam a *outros problemas tão sociais quanto*, como a criminalidade e as minorias sociais: por exemplo, na coordenação em "a proliferação [dentro da Cracolândia] de **moradores de rua, doentes mentais, prostitutas, travestis, usuários de drogas, traficantes**", em que cada elemento passa a significar como unidades de um mesmo conjunto de problemas e que, conseqüentemente, dividem as mesmas qualidades enquanto tal. Dessa maneira, busca-se recusar (parcial ou completamente) o cunho biológico determinista do problema (às vezes atribuído à FDP) para fomentar, em seu lugar, uma compreensão da Cracolândia como tragédia social.

Curiosamente, há um funcionamento, também já esboçado anteriormente, marcadamente responsivo da FDD: são muitos os enunciados que se estruturam a partir da proposição "y em detrimento de x", isto é, que retomam um posicionamento contrário, algo "que se sabe" ("x"), para, em seguida, distanciar-se completa ou parcialmente dele, introduzindo o seu posicionamento ("y") – procedimento que inexistente nas construções da FDP. Essa proposição assume diversas formas, como na construção "além de x, é y", em "**além de** um sintoma no sentido individual, **a dependência é um sintoma social**", por exemplo; ou no par "**não é x, mas é y**"³, como no enunciado "descobriu-se que **não é a droga** que causa dependência, **mas o ambiente**". Esses enunciados ilustram a necessidade de resgatar um posicionamento anterior, possivelmente hegemônico, sobre a Cracolândia para em seguida negá-lo ou fazer uma concessão a ele, além de afirmar algo em seu lugar, regido pelo sema /social/.

Essa responsividade articula-se com os outros semas da FDD. Assim o é, por exemplo, quando se associa /social/, /justiça/ e /igualdade/, no enunciado seguinte, também estruturado em "**não é x, mas é y**": "**não é o uso de drogas** que distingui [...] o Aécio Neves do Aécio que frequenta o Centro de Convivência. [...] **é a cor de pele, a conta no banco**, o sobrenome, **emprego** ou a falta dele, a **educação** ou a falta dela, a **saúde** ou

a falta dela". O enunciador retoma um "saber" no qual se afirmaria que é a prática do uso de drogas que distinguiria os sujeitos entre bons (sóbrios) e maus (usuários), para, em seguida, introduzir questões sociais (raça, classe, acesso social), em tom de denúncia de tratamentos desiguais, logo, injustos – não seria o uso que marca o "bom" e o "mau" sujeito, mas sua posição social. Assim, a FD Denunciante (donde sua designação) denuncia o estado social crítico da Cracolândia, entendendo-o como um problema *não* de indivíduos, *mas* sim "de *saúde pública*". Clamando por reabilitação e assistência, em vez de repressão, a FDD delega ao Estado (sema /estatismo/) dar conta da situação.

A retomada de posições contrárias por vezes pode assumir um caráter mais específico que apenas um "saber anterior", constituindo simulacros. Por exemplo, quando o enunciador de FDD diz que as "pessoas que *alguns chamam de zumbis* não têm o mesmo perfil social, e as mesmas oportunidades, de outros usuários que *alguns chamam de Senhor, de Doutor, de Vossa Excelência*". Ao mesmo tempo que reforça o caráter social e desigual da Cracolândia, o enunciado atribui a um "alguém" elusivo (um enunciador genérico da FDP, possivelmente) a separação entre "zumbis / Senhor, Doutor, V. Excelência". Este enunciado não parte do sistema sêmico da FDP, mas, ao contrário, a negação de semas de FDD, como /não-justiça/ e /não-igualdade/. O aspecto moralizante da FDP também é transformado em simulacro pela FDD: assim, uns dizem que "Doria insiste na teoria de que *todo* dependente químico é *um safado e sem-vergonha* que *deve ser trancafiado e sofrer um pouco* para *largar a mão de ser vagabundo*", afinal, ironicamente dizem outros, "*é tudo bandido*". A condenação dos sujeitos como perigosos, de FDP, é relida, pela FDD, não como uma questão de ordem, mas como uma segregação social, *injusta e desigual*.

Vê-se que, para cada formação discursiva, as definições de Cracolândia não poderiam ser mais diferentes. É evidente que, regidas cada uma por sua semântica global, as FDs compreendem a existência daquele espaço e das pessoas que lá ocupam de maneiras bastante distintas e próprias – opacificadas pelo uso recorrente do "mesmo" termo. Essa distinção influi de maneira radical na circulação da *sdr* dentro de cada FD. Vejamos como.

Acabou a Cracolândia: e agora?

Pensar a Cracolândia como um *problema de saúde pública* ou como um *conjunto de indivíduos perigosos e indesejados* revela funcionamentos discursivos (semas e posicionamentos) drasticamente distintos; distinção que, por sua vez, possibilitará sentidos tão distintos quanto. Passo a analisar

como, após o ocorrido, cada uma "interpretou" o acontecimento, o que me permite reconstituir enfim os desdobramentos da *sdr* em análise.

A FD Punitiva significou a "operação" (de "acabar com a Cracolândia") de maneira muito "pragmática" e positiva. Em conta da compreensão dos usuários (e traficantes) como inadmissíveis indivíduos perigosos, não é de se admirar que o sema /ordem/, muitas vezes em conjunto com /repressão/, tenha sido o de maior profusão nos seus enunciados. Em virtude disso, tematizou-se ostensivamente a *necessidade* da operação: isto é, a Cracolândia fere em tal magnitude a ordem natural ou correta de sociedade que *precisa* ser extinta, tamanha seria a insustentabilidade de sua existência.

A ação policial, por um lado, teria sido dentro do aceitável ou esperado (pelo menos "*alguma coisa* está sendo feita") e, por outro, inevitável, uma vez que "todos os *direitos humanos possíveis e imagináveis*" já estavam sendo desrespeitados com a ação de traficantes que [...] *dominam com "tirania" os dependentes* químicos na região". A urgência era tanta que nenhuma ressalva em relação à ação policial foi feita, encontrando-a no nível do aceitável, em acordo com o sema /repressão/: "*lembrando* que a ação da polícia *ocorreu sem confrontos e feridos graves*". Ela foi, se muito, um mal necessário: "se o tráfico de drogas foi desmantelado, *já é um grande avanço*". Fala-se principalmente de uma limpeza urbanística ("A operação faz parte do *projeto de revitalização da Nova Luz*"), mas que se estende a uma limpeza "moral": "A área ficou mais limpa e, *vamos falar o português claro, menos fedida*. A impressão que dá é que *a cidade está sendo cuidada*". A violência, portanto, fruto da ação direta de alguns indivíduos (os traficantes tiranos), só poderia ser sanada com a repressão do Estado ("*não vejo outra alternativa* para tentar quebrar *aquele* ciclo") – mesmo que, em algum nível, se falasse em saúde. O sema /repressão/ domina as soluções possíveis, e a moralização dos usuários como indivíduos perigosos (/natural/) prefigura outra vez mais.

A necessidade de *extinguir a Cracolândia* é de um teor tão grande que alguns enunciadore consideraram as tentativas de desacreditá-la como mal-intencionadas: "é hipocrisia criticar a ação policial *sem conhecer a realidade da Cracolândia*". Esse, curiosamente, foi o único espaço dado a vozes antagônicas pela FDP. Não obstante, ele se constitui por meio de simulacros denunciando os críticos da operação de *protegerem os crimes* que ocorrem na região bem como os *criminosos* (indivíduos perigosos) que por ela circulam. Evocou-se, assim, ora o sema /ordem/ (como /não-ordem/) e /desigualdade/ (como /não-desigualdade/): criticou-se a FDD de negligenciar o problema, pois "*ninguém fala* dos absurdos que estavam ocorrendo lá", negligenciando também o cuidado com a moral e com a cidade; denunciou-se que a FDD queria, na verdade, fazer *apologia às drogas*, pois seus manifestantes estariam "*defendendo o direito* das pessoas

de *usarem crack em qualquer lugar da cidade*", em um exagero característico aos simulacros; criticou-se, ainda, de certa leviandade no trato do problema, ao tratarem a Cracolândia "como se [...] fosse *um parque de diversões*: estavam *todos brincando de roda* quando *chegou uma operação maligna*", evocando especialmente o sema /repressão/ (como /não-repressão/). Dessa maneira, critica-se a FDD por *negligenciar um problema urgente*, seja por *desconhecimento*, *hipocrisia* ou *leviandade*, e não, ao contrário, por tê-la considerado truculenta e/ou ineficaz no combate às drogas – aspectos que, como se verá, foram enunciados por aquela FD.

Possivelmente, o único "ponto pacífico" – isto é, em aparência – entre as FDs sobre a ação em si foi a crítica da efetividade da intervenção policial: ambas consideram que não houve um sucesso (total ou parcial) da operação – isto é, da Cracolândia ter, enfim, acabado. No entanto, enquanto para a FDD ela *se manteve* porque o problema é a *situação social dos dependentes* (/social/), para a FDP ela *não acabou* porque a operação, evocando o sema /ordem/, "só fez *espalhar os usuários* pelo entorno", "*pulverizá-los pela cidade*", e "*dispersou usuários e o 'feirão da droga'* que funcionava no local" – isto é, *espalhou a desordem em vez de extingui-la*. Em outras palavras, a FDP criticou não o excesso, mas a contenção do Estado quando deveria cumprir sua função (/repressão/): deveria ter feito mais, não menos. Tanto é que a crítica não impediu o contentamento com a iniciativa.

O teor *responsivo* da FDD é marcante também nesse aspecto. Os enunciadores dessa FD, ao mesmo tempo que reconhecem a necessidade de resolver o problema público que é a Cracolândia, *recusam veementemente* a forma como foi executada – novamente, retomando e distanciando-se da *sdr*. O que se vê é que a FD Denunciante definiu a ação policial de três maneiras distintas: primeiro que foi um *fracasso* (nega-se, em certa medida, a *sdr* – a Cracolândia *não* acabou); segundo, acusou-a de ser uma *brutalidade*, ora *fascista*, ora *higienista* (i.e., de limpeza social). A *recusa da operação* (mas não da necessidade de pôr fim ao problema) e a *marcação da violência exacerbada* perpassaram todos estes três temas. Assim, a "intervenção Tucana" na Cracolândia foi "[um] escândalo" / "uma besteira" / "espalhafatosa" / "autoritária" / "amadora" / "desastrosa", muito em conta da sua ineficiência (/social/) e aplicação violenta (/justiça/). Denunciou-se que a ação queria apenas extinguir o problema (/social/), não o sanar, pela "*remoção* da Cracolândia" ao "*retirar* as pessoas a força" (/justiça/), não visando, no entanto, *ajudá-las* – infere-se, dos enunciados, que, evocando os semas /estatismo/ e /papel da sociedade/, a preocupação da prefeitura deveria ser o cuidado com a população.

A denúncia, como já disse, destacou muito seu teor *violento* e *desumano*. Por exemplo, no enunciado que segue: "[as autoridades] autorizaram forças de segurança a, *literalmente, atropelar pessoas que constituíssem obstáculo*". O enunciado joga com a metáfora popular: seja

ao reforçar o verbo através do advérbio, chamando atenção para o ato de "passar por cima", seja pelo pré-construído que relaciona "pessoas" e "obstáculo" – a ação é condenável, portanto, porque teria sido *desumana*, pois visava desobstruir *obstáculos* (/igualdade/), e *violenta*, pois para isso os *atropelava* (/justiça/). Acabar com a Cracolândia foi remover, a força, seus moradores e prédios, desumanizando os primeiros: "demoliram prédios e gente, **como se ambos estivessem na mesma categoria – a de coisa**". "Houve feridos, desabrigados, *inclusive crianças*", continuam, ao rerepresentar o pressuposto ("inclusive") de que até os mais frágeis não foram poupados. A tentativa falha de acabar com a Cracolândia, portanto, teria sido antes um ataque às pessoas, aos *moradores* que foram tratados indistintamente como os muros.

O extremo dessa denúncia ambivalente – eventualmente, aparecendo como simulacros – são as acusações da ação ter sido *fascista* e *higienista*. Por um lado, diz-se que o que se praticou foi uma "'limpeza' da Cracolândia", uma "ação *de higienização antidrogas*" / "operação *de higiene social*". Quando tematizam o higienismo, os semas /estatismo/ e /justiça/ (regidos por /social/) aparecem: "a *brutalidade* e a *implantação de políticas higienistas nunca resolverão* esse problema". Recusando os semas /desigualdade/ e /repressão/, para a FDD o que precisa ser feito é a recuperação dos dependentes. O sema /ordem/ também é recusado, em vista de /igualdade/, e constitui o seguinte simulacro: "eles não podem existir na sua *utópica Cidade Linda*, então Dória quer *escondê-los, interna-los à força*, na linha do '*como não sei, mas tem que ser feito*". A verdade da FDP, portanto, seria fazer a distinção entre os cidadãos "dignos" e "indignos" (/não-igualdade/), e o que eles querem é soterrar (inclusive fisicamente) esses últimos cidadãos (/não-justiça/).

Enfim, o outro polo é a acusação do *fascismo* de Dória em sua *guerra às drogas*. A ação foi uma "*barbárie fascista* inútil", que recorreu erroneamente "[à] *violência policial* como solução para o *problema do tráfico* e do *uso ostensivo de crack*". O termo *barbárie* apareceu diversas vezes para designar a intervenção policial, o que me leva a uma ressalva: "barbárie", para FDD, não é antônimo de ordem (como talvez seja para FDP), mas sim sinônimo de "possibilidade de um *extermínio*", que "desponta-se um *genocídio*". O que está em questão não é o sema /ordem/ mas, novamente, os semas /justiça/ e /igualdade/: o que eles (a FDP) querem, como se disse em um simulacro, é "que sumam, desapareçam, *ou talvez morram*". Por isso, questiona-se: a gestão de Dória e a PM "atacariam uma *balada de classe média-alta repleta de consumidores de drogas* sintéticas e traficantes *bem vestidos*?" A *barbárie fascista* é o que eliminaria – sem resolver – o produto das desigualdades sociais.

Conclusão

Como suposto, a opacidade da *sdr* não passa de aparência (não há evidência no acontecimento). Enquanto parecem estar discutindo *a mesma coisa*, apesar de sua base-comum, cada formação discursiva textualiza, de acordo com suas próprias afinidades semânticas, o acontecimento e aquilo envolvido por ele. Não obstante, já é o suficiente para deixar evidente a tensão que propus no início deste texto. Para cada parte da polêmica, apesar do consenso aparente sobre a "necessidade do fim" da Cracolândia, nem "acabar" nem "Cracolândia" tem o mesmo sentido. Declarar "acabar com a Cracolândia", enfim, remete a questões completamente distintas, a depender de onde se observa seus desdobramentos.

É possível condensar – não sem algum tipo de perda – essa tensão em enunciados que perpassam cada FD, suas formulações-origem – enunciados que retornam sem parar no fio intradiscursivo das FDs (Courtine, 2009). Assim, para FD Denunciante: *a Cracolândia é efeito histórico de relações de força sociais. Os indivíduos que a ocupam, nem todos usuários de drogas, são vítimas de um sistema de exclusão que protege alguns (brancos e ricos) e exclui outros (negros e pobres). Acabar com a Cracolândia, portanto, não é recorrer à violência brutal (por vezes, fascista e higienista), mas sim dar assistência a um problema que é de cunho social.*

Por outro lado, para a FD Punitiva: *a Cracolândia é fruto de indivíduos fracos e falhos que caíram no mundo das drogas e dele não conseguem mais sair. Estes põem em perigo a ordem social e os cidadãos da cidade de São Paulo. Acabar com a Cracolândia, de maneira satisfatória, é limpar e arrumar a cidade, além de um dever moral do Estado, que precisa cumprir seu papel e reprimir a ocupação das ruas, a circulação dos viciados e o tráfico de drogas.*

Propor essa divisão do enunciado, em formulações origem, não é o mesmo que dizer que as FDs são monólitos coesos. Com essa definição, aproximo-me mais de Foucault (2002), para quem as formações discursivas são um sistema de regularidades, mas também de dispersão: há diferença entre dizer que "toda limpeza é bem-vinda", que o local "estava fedido", ou anunciar que "70 toneladas de lixo foram coletadas no local após a operação". São paráfrases discursivas regidas pelas mesmas condições semânticas globais, mas *difícilmente são a mesma coisa*. Há contradição e dispersão de sentido – condensadas, por sua vez, no enunciado dividido que foi analisado.

Notas

¹ Apresento estes trechos como ilustrativos das FDs, e são recortes do corpus selecionado. A relação dos textos segue em anexo. A marcação em negrito nos excertos recortados do corpus são todos destaques meus para fins analíticos.

² A notação entre barras, como em /B/, indica a representação de um sema.

³ Para todos os efeitos, assumo "não é x, mas y" e "não é x, é y" como equivalentes sintáticos para a mesma produção de sentido.

Anexo: Relação do corpus analisado

- "A ÁREA está menos fedida", diz frequentadora da Sala São Paulo sobre a ação na Cracolândia, *Blog do Paulo Sampaio*, **UOL**, 03 jun. 2017. Disponível em: <https://paulosampaio.blogosfera.uol.com.br/2017/06/03/a-area-esta-menos-fedida-diz-frequentadora-da-sala-sao-paulo-sobre-a-acao-na-cracolandia/>. Acesso em 08/06/2017, às 10:49.
- CRACOLÂNDIA: Dória, um prefeito que não entende de gente, **El País**, 26 maio 2017. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/26/politica/1495830499_134676.html. Acesso em 27/05/2017 às 17:03
- DAMASCENO, Victória. "Demolição na Cracolândia deixa feridos e expõe autoritarismo de Dória", **Carta Capital**, 23 maio 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/demolicao-na-cracolandia-deixa-feridos-e-expoe-autoritarismo-de-doria>. Acesso em 24/05/2017, às 17:31.
- DONATO, Mauro. "A brutalidade fascista inútil de Dória na Cracolândia feriu de morte sua imagem de "gestor" eficiente", **Diário do Centro do Mundo**, 24 maio 2017. Disponível em: <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/a-brutalidade-fascista-inutil-de-doria-na-cracolandia-feriu-de-morte-sua-imagem-de-gestor-eficiente-por-donato/>. Acesso em: 25/05/2017, às 11:29.
- GRYZINSKI, Vilma. "Loucura atinge ápice: manifestação a favor da Cracolândia", **Veja**, 25 maio 2017. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/mundialista/loucura-atinge-apice-manifestacao-a-favor-da-cracolandia/>. Acesso em 09/06/2017, às 10:49.
- GUIMARÃES, Thiago. "É hipocrisia criticar ação policial sem conhecer a realidade da Cracolândia, diz psicóloga", **BBC Brasil**, 26 maio 2017. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-40067399>. Acesso em 08/06/2017, às 10:28
- LAMAS, Júlio. "NO PASARÁN", **Revista Piauí**, 31 maio 2017 Disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/no-pasaran/>. Acesso em 03/06/2017, às 14:43
- NAVARRO, Jesse. "Barbárie de Dória na Cracolândia: quem é mais doente, o higienista ou o dependente químico?", **Diário do Centro do Mundo**, 26 maio 2017. Disponível em: <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/barbarie-de-doria-na-cracolandia-quem-e-mais-doente-o-higienista-ou-o-dependente-quimico-por-jesse-navarro/>. Acesso em 26/05/2017 17:28
- NOVA Cracolândia no centro de SP dobra de tamanho em apenas um dia, **Folha de S. Paulo**, 26 maio 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/05/1887625-nova-cracolandia-no-centro-de-sp-dobra-de-tamanho-em-apenas-um-dia.shtml>. Acesso em 08/06/2017, às 10:31.
- OKUMURA, Renata. "Comerciantes e moradores cobram solução eficaz contra miniCracolândias", **Estado de S. Paulo**, *Blitz Estadão*, 24 maio 2017. Disponível

em: <http://brasil.estadao.com.br/blogs/blitz-estadao/comerciantes-e-moradores-cobram-solucao-eficaz-contr-minicracolandias/>. Acesso em 09/06/2017, às 10:30.

Referências

- Bobbio, Norberto (2011).** *Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: EdUnesp.
- Courtine, Jean-Jacques (2009).** *Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: Edufscar.
- Foucault, Michel (2002).** *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, Michel (2001).** *Os Anormais: Curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Mainueneau, Dominique (2008).** *Gênese dos Discursos*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Motta, Ana Raquel; Possenti, Sírio (2008).** *Direita e Esquerda: volver! Anais da I Jornada Internacional de Estudos do Discurso*, p. 303-314.

Nota biográfica



Filipo Pires Figueira - possui graduação em Licenciatura em Letras – Português (2016) pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente, é aluno de Mestrado na mesma instituição, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística, na subárea de Análise do Discurso. É beneficiário de uma bolsa de pesquisa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP – processo nº 2017/01190-9).

E-mail: figueirafp1@gmail.com